

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Também escreveu para o *Diário da Manhã* de Recife e para o *Diário da Manhã* de Fortaleza. Foi autor de vários livros de poesia e prosa, entre eles: *Poesias* (1912), *Contos* (1913), *Contos e Poesias* (1914), *Contos e Poesias* (1915), *Contos e Poesias* (1916), *Contos e Poesias* (1917), *Contos e Poesias* (1918), *Contos e Poesias* (1919), *Contos e Poesias* (1920), *Contos e Poesias* (1921), *Contos e Poesias* (1922), *Contos e Poesias* (1923), *Contos e Poesias* (1924), *Contos e Poesias* (1925), *Contos e Poesias* (1926), *Contos e Poesias* (1927), *Contos e Poesias* (1928), *Contos e Poesias* (1929), *Contos e Poesias* (1930).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do professor doutor José de Fátima, quando foi eleito presidente do conselho. Também participou de várias reuniões e encontros. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou o primeiro volume da *Antologia dos Poetas da Academia Cearense de Letras*, ocasião em que se reuniu com os demais membros da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1912

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Tirando a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

DURVAL AIRES

Durval Aires de Menezes nasceu na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, em 13 de fevereiro de 1922 e faleceu em Fortaleza no dia 27 de agosto de 1992, aos 70 anos de idade. Em 1937 mudou-se para nossa capital onde, após fazer o serviço militar, deu início a sua atividade literária. Foi jornalista tendo trabalhado em vários jornais de Fortaleza como: *José*, *O Estado*, *Tribuna do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *Folha do Povo*, *Diário do Povo* e o tablóide *Sete Dias*. Foi funcionário da Universidade Federal do Ceará, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, diretor do ensino do governo Paulo Sarasate/ Flávio Marcílio e oficial de gabinete da Secretaria da Educação.

Cronista, contista, novelista e poeta. Publicou: *A Universidade Federal do Ceará e sua dimensão no Nordeste em mudança*, 1967; *Os amigos do governador*, 1967; *Barra da solidão*, 1968; *Uma estrela na manhã*, *O manifesto de agosto (novelas-reportagem)*, 1984; e *Ficção reunida*, 1994. Pertenceu ao Grupo Clá.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 12 de maio de 1972, na vaga deixada pelo escritor Adonias Lima, sendo saudado pelo acadêmico Cláudio Martins. Ocupou a cadeira número 27, cujo patrono é Soriano de Albuquerque.

CANTO

*Sei que nessa hora
nesse instante
coisas intocáveis e transcendentais
estão acontecendo.
Homens que modificam os caminhos
do mar,
da terra,
do tempo
e do vento
E teimam em fecundar o ventre das estrelas*

*Quisera te contar toda a beleza
de um mundo novo que se plasma
Mas sou um simples camponês
nascido nas terras imensamente
alegres e verdes do Vale do Cariri
e nada aprendi além de amar a terra
e nem sei quantas cores possui o arco-íris.*

*No entanto
se pousasses tua cabeça no meu ombro
e me deixasse beber todo o lirismo
que há na quietude dos teus gestos
eu te contaria como é belo
um açude que eu conheço
e um rio que nasceu na minha infância.*

*Tu te banharias
nos poços mais profundos
olhando minúsculos peixes
rondando o teu corpo despido.*

*Eu ficaria distante
ouvindo o ruído
das mangas maduras caindo dentro d' água.*

FONTE: ANTOLOGIA DE POETAS CEARENSES CONTEMPORÂNEOS. ED. COMEMORATIVA DO 10 ANIV. DE FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1965. P. 73-74.

QUASE ORIENTAÇÃO AOS POETAS MAIS VELHOS

*A ti
a mensagem do irmão mais moço que partiu primeiro.
Quisera que fosse útil como a certeza do amigo presente
e te ajudasse a escrever poemas libertação.*

*A vida dos homens,
a luta dos homens.
As esperanças simples dos homens,
ai estão e precisam ser cantadas.*

*Manda embora a preocupação que te enluta o pensamento.
Poesia não significa enumeração de frases,
cálculos aritméticos,
nem o rítmico compasso das coisas limitadas.*

*Poesia está em tudo... ver de tudo
Poema não depende de rimas, sílabas contadas,
basta os olhos de um gato brilhando no escuro!*

*Já ouviste a voz do gazeteiro apregoando notícias?
E o ruído do bonde? E o apito da fábrica?
E o sonho dos jovens? E a alegria das mães?*

*São poemas esperando a tua vinda...
são poemas esperando a tua forma!*

*Amanhã escreverei dois poemas:
a tragédia de uma enxada cujo cabo quebrou-se
e a tristeza de uma lágrima brilhando nos cílios louros.*

FONTE: AIRES, DURVAL. QUASE ORIENTAÇÃO AOS POETAS MAIS VELHOS. CLÁ. REVISTA DE CULTURA, FORTALEZA, V. 1, N. 4, P. 65, AGO. 1948.